

Jornalismo e Jornalistas Na Berlinda: Uma Análise da Abordagem Negativa da Imprensa e Sua Relação com a Crise Contemporânea da Imprensa¹

Élida VAZ²

Theresa MEDEIROS³

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo tem o propósito de discutir o que leva o jornalismo a enfatizar, primordialmente, em suas notícias aspectos negativos a respeito das ocorrências transformadas em notícia e as consequências de tal abordagem sobre as empresas jornalísticas e os profissionais. A análise é feita tendo como base as provocações de Nelson Traquina (2005) sobre “porque as notícias são como são”, bem como o processo de produção da notícia – que envolve os acontecimentos selecionados mediante critérios estabelecidos por um saber específico do campo profissional em que atuam os jornalistas até sua transformação num produto. Para a análise, foram selecionados três veículos que alcançam as maiores audiências em suportes diferenciadas, a saber o portal de notícias UOL, o jornal Folha de S. Paulo e o Jornal Nacional, da TV Globo.

Palavras-chave: Jornalismo; notícias; crise no jornalismo.

Introdução

A imprensa tem ocupado um lugar de destaque na sociedade. Mas, ao contrário das discussões relativas ao seu papel historicamente associado à democracia, o que se vê, nos últimos tempos, é uma sucessão de críticas a respeito dos interesses que orientam as ações das empresas jornalísticas que atuam no país, bem como dos profissionais, que parecem perder toda a aura de mito construído nas produções hollywoodianas. Entre os discursos comumente presentes nas críticas ao jornalismo, estão a manipulação de informações, os interesses meramente comerciais que orientam suas produções, especialmente pela chamada grande imprensa, o excesso de notícias ruins, que abordam o lado sempre negativo dos fatos noticiados, bem como o desinteresse pelas questões de interesse público.

Apenas no mês de junho de 2013, quando uma onda de protestos varreu o país, pelo menos 83 jornalistas foram agredidos, de acordo com dados da Associação Brasileira de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Comunicação da PUC-Rio. E-mail: elidavaz@globo.com.

³ Doutoranda do Curso de Comunicação da PUC-Rio. E-mail: theresa.medeiros@gmail.com.

Jornalismo Investigativo (Abraji). Jornalistas com longa trajetória profissional, como Caco Barcellos, da TV Globo, acabaram sendo expulsos de manifestações ou agredidos por populares, enquanto tentavam fazer suas reportagens. Na cidade do Rio de Janeiro, a situação levou o Sindicato dos Jornalistas a emitir nota oficial repudiando as ações:

É inaceitável e injustificável a violência dirigida contra jornalistas, em qualquer caso. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro repudia as agressões físicas e verbais sofridas por jornalistas nos últimos dias durante o exercício da profissão. A violência tem partido não só de policiais militares e outros agentes públicos, como também creditadas a traficantes de drogas e de indivíduos que participam de manifestações públicas.⁴

O assunto foi tema da própria imprensa. A *Folha de S. Paulo*, em sua edição digital de 8 de abril deste ano, anunciou que as agressões a jornalistas no Brasil aumentaram mais de 200%⁵.

No ano em que os protestos populares tomaram as ruas do Brasil, com diversos episódios de violência, as agressões a jornalistas aumentaram 232%, de acordo com levantamento do Conselho de Defesa da Pessoa Humana (CDPH), do governo federal. Enquanto em 2012 foram registrados 41 casos de violência, em 2013 o número saltou para 136.3. (*ibid*)

A crítica ao jornalismo e aos jornalistas não é recente, embora a história da atividade esteja relacionada diretamente à democracia e à liberdade. “Poucas profissões e poucos profissionais têm sido objeto de tanto escrutínio intensivo e tanta crítica escaldante quanto o jornalismo e os jornalistas. O jornalismo e os jornalistas tornaram-se notícia”, observa TRAQUINA. (2005: 31)

Já no século XIX, quando ocorreu o desenvolvimento da imprensa nos moldes do que conhecemos hoje – o primeiro *mass media*, os jornais e os que nele trabalhavam eram vistos com desconfiança, associados muitas vezes ao poder, político e/ou econômico, conforme se observa hoje.

A retórica da liberdade não apagava uma visão muito crítica da imprensa que vigorava no início do século XIX, largamente associada à ligação entre os jornais e a propaganda política. (...) a imprensa era identificada com demagogos, fanáticos, ou, simplesmente, escritores de terceira categoria. (TRAQUINA, 2005: 46 e 47)

⁴ Sindicato dos Jornalistas do Rio. *Em repúdio ao acirramento das agressões contra jornalistas*.

Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/em_repudio_ao_acirramento_das_agressoes_contra_jornalistas Acesso em: 10 de Junho de 2014.

⁵ Folha de S. Paulo. *Agressões a jornalistas aumentam mais de 200 % no Brasil*. Texto disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1437557-agressoes-a-jornalistas-aumentaram-mais-de-200-no-brasil.shtml> Acesso em: 10 de Junho de 2014.

Isso pode ser explicado pela visão apontada por O'Boyle (*apud* TRAQUINA: 2005). Segundo ele, o sistema econômico, o mesmo que está por trás dos grandes conglomerados de mídia na atualidade, “foi determinante na evolução do jornalismo”, uma vez que se tratava de um tipo de imprensa que estava diretamente relacionado à industrialização da sociedade. (2005:36)

Entre os fatores que contribuíram para fazer do século XIX a “época de ouro” da imprensa estão a evolução do sistema econômico, os avanços tecnológicos, fatores sociais e a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia. É nesse contexto que os jornais se expandem e fazem emergir um novo tipo de saber.

A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo: fornecer informação e não propaganda. Este novo paradigma foi a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público – uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do “pólo intelectual” do campo jornalístico. (TRAQUINA, 2005:34)

A emergência desse novo paradigma, observa Traquina, baseado no valor da informação e não da propaganda, fez com que os jornalistas reivindicassem um novo monopólio do saber, o de entender o que é notícia e o que deveria ser informado à sociedade, a partir do estabelecimento de valores e normas.

Por um lado, a teoria democrática apontava para que o jornalismo cumprisse um duplo papel: 1) com a liberdade “negativa”, vigiar o poder político e proteger os cidadãos dos eventuais abusos dos governantes; 2) com a liberdade “positiva”, fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho das suas responsabilidades cívicas, tornando central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística. Por outro lado, a comercialização da imprensa torna o jornalismo mais independente dos laços políticos e transforma a atividade também numa indústria onde um novo produto – as notícias como informação – é vendido com o objetivo de conseguir lucros. (TRAQUINA, 2005:50)

Pensar esse novo monopólio do jornalismo é observar a relação entre o saber e o poder, como traçou Foucault (1979) em seus estudos sobre a *verdade*, o *saber* e o *poder*. O *poder* que passou a ser exercido pelo jornalismo sempre esteve em meio às relações políticas e econômicas, inevitavelmente, em meio às disputas. Mas outro viés de possível observação é entender esse tipo de *poder* como uma força que atua e faz do jornalismo uma

forma de conhecimento sobre o real e um dispositivo de construção social da realidade. Como uma forma de saber que produz e luta pelo discurso. Afinal, o discurso, como afirma Foucault, é objeto de desejo.

O poder deve ser considerado assim, como “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.” (FOUCAULT, 1979: 8) A tentativa de estabelecer esse jogo objetiva mostrar os dois lados do poder e do monopólio do saber que o jornalismo exerce, como uma liberdade negativa e uma liberdade positiva no processo de fabricação da informação jornalística.

O jornalismo assim assumiria o papel que até hoje desempenha, de “Quarto Poder”, expressão utilizada pelo deputado do Parlamento inglês McClaulay, no ano de 1828 (TRAQUINA, 2005:46), tornando-se uma espécie de fiscal da sociedade. Ou conforme a famosa frase de George Orwell, de que “Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade”.

Essa posição se evidencia na análise das escaladas⁶ das notícias apresentadas pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo; na *home* do site *UOL*; e na capa do *Jornal Folha de S. Paulo*, todos do dia 2 de junho de 2014 e objetos de análise deste artigo. Observa-se uma predominância de notícias que focam no negativo, seja ao retratar a violência, esportes, assuntos internacionais ou econômicos, como será visto a seguir.

Entre as notícias anunciadas pelo *Jornal Nacional* na edição do dia 2 de junho de 2014, apenas as relativas ao início da Copa do Mundo, que começaria dali a poucos dias, no Brasil, mereceram abordagens positivas. Mesmo assim, duas dessas também negativas: uma, tratava da lesão de um jogador da Colômbia, que desfalaria a seleção daquele país; e a outra, denúncias de suborno que poderiam impedir a realização da próxima edição do evento em 2022 no Qatar.

As quatro notícias que constam da escalada apresentada por William Bonner, na tradicional bancada do JN que, ao fundo mostra a redação do telejornal, abordam o assassinato de um zelador e a prisão de um morador como suspeito em um prédio em São Paulo; o endividamento dos brasileiros com as compras parceladas nos cartões de crédito; a falta de informações no recém-inaugurado aeroporto de Natal, Rio Grande do Norte, às vésperas da Copa; e a decisão do rei Juan Carlos, da Espanha, de abdicar em favor do filho, como pode ser visto a seguir.

⁶ Escaladas: De acordo com Vera Iris Paternostro, escaladas são “frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. O mesmo que manchetes”.

1. A brutalidade de um crime surpreende São Paulo: o zelador de um prédio desaparece enquanto distribuía cartas entre os apartamentos e um dos moradores confessa que o assassinou e que levou o corpo para outra cidade
2. Um alerta do SPC: brasileiros estão perdendo o controle das compras parceladas no cartão.
3. A falta de informação faz passageiros perderem vôos no novo aeroporto de Natal.
4. E na Espanha, um capítulo da história: o rei Juan Carlos abdica do trono em favor do príncipe Felipe.

Já Patrícia Poeta e Galvão Bueno também participaram da apresentação do jornal, mas fora da redação, dedicando-se às notícias da Copa do Mundo. Eles anunciaram a cobertura que o jornal dedicava ao evento:

1. O Jornal Nacional acompanha a seleção a dez dias da estreia.
2. Em Goiânia, milhares de torcedores disputam o direito de assistir ao treino do time que enfrenta o Panamá amanhã
3. Neymar, o herdeiro da camisa dez, é o personagem da última reportagem da série especial sobre nossos jogadores
4. Nossos repórteres acompanham o embarque da seleção espanhola a caminho da copa
5. O craque da Colômbia Falcão Garcia não se recupera de uma contusão e está fora do mundial
6. E a copa de 2022 pode não ser realizada no Qatar por causa de denúncias de suborno

O primeiro bloco é todo destinado à cobertura da Copa do Mundo de Futebol. Já o segundo começa com a notícia do assassinato em São Paulo. Bonner destaca a prisão de um homem que confessou ter assassinado o zelador do prédio onde mora e lembra que “a história foi um dos assuntos mais comentados na cidade”. Passa então ao repórter, que usa expressões como “angústia”, “assassinato”, além de informar que o corpo do zelador teria sido esquartejado por um casal de moradores cuja movimentação tinha sido registrada pelas câmeras de vigilância do prédio. Encerra a notícia dizendo que “os moradores do prédio estão chocados” e com a sonora de uma moradora, que afirma se tratar de uma “sensação horrível”.

Logo em seguida, a notícia trata da inauguração do aeroporto de Natal, cidade sede da Copa. Bonner diz que a inauguração ocorreu com dois meses de atraso “mas ao invés de facilitar a vida está confundindo a vida dos passageiros”. A repórter fala de como a falta de informações causou “muita dor de cabeça aos passageiros”. Afirma ainda que “há várias questões estruturais pendentes, faltam câmeras de vigilância por exemplo e o sistema da

alfândega ainda não foi concluído”. Aborda ainda a falta de informações na internet e de placas de sinalização.

Ainda que a chamada da notícia sobre a decisão de Juan Carlos não possa ser considerada negativa, William Bonner diz que o rei, depois de 39 anos de reinado, “teve um papel importante no processo de democratização mas nos últimos anos a popularidade do rei derreteu”. Em seguida, o repórter fala do impacto que a notícia causou no mundo. Ao apresentar a trajetória do rei, destaca o seu papel “decisivo” na democratização do país, “teve firmeza para conter tentativa de golpe de deputados insatisfeitos que invadiram o parlamento em 1981”. O repórter destaca ainda o papel do rei na defesa dos direitos humanos, demonstrando coragem “quando enfrentou o então presidente da Venezuela Hugo Chaves”, a quem fez a célebre pergunta “por que não te calas?”. A matéria prossegue informando que nos últimos tempos, o rei vinha enfrentando problemas de saúde além de denúncias de infidelidade e de corrupção da filha Cristina e do genro. “Um safari em Botswana em meio a crise econômica da Espanha crise abalou ainda mais a imagem do rei e a popularidade da família real espanhola despencou”.

As notícias veiculadas no Jornal *Folha de S. Paulo*, também de 02 de junho de 2014, seguem a mesma linha encontrada na edição analisada do JN. Na capa do jornal impresso, as sete chamadas principais têm caráter negativo, passando por temáticas como educação, esportes, política, negócios e mundo.

A primeira chamada destaque sobre a Universidade de São Paulo fala sobre a crise que a instituição enfrenta: “Na USP, 6 em cada 10 alunos poderiam pagar mensalidade”, a matéria analisa os valores das arrecadações e dados financeiros e no segundo maior destaque da edição, sobre a Copa 2014, que é acompanhado por uma foto que ocupa cinco colunas, das seis do jornal, o foco foi posto sobre o estado do estádio em que a abertura do evento aconteceu: “Copa 2014: No segundo teste, Itaquero apresenta melhora nos serviços, mas ainda há obras e problemas para entrar e sair”.

As chamadas que seguem são⁷:

3. Azar no jogo...

Felipão deixa a calma de lado e dá bronca na equipe

4. Senadores ameaçam vetar embaixador do Brasil na Bolívia

A Comissão de Relações Exteriores cobra do Itamaraty as comunicações relativas à fuga do senador ao Brasil

5. Snowden confirma que enviou pedido de asilo ao país

⁷ A numeração das matérias foi feita pelas autoras do texto, como forma de expor melhor o conteúdo.

Em entrevista à TV Globo, o ex-prestador de serviços da NSA disse que a solicitação foi feita quanto ficou retido em aeroporto de Moscou

6. Nos acréscimos: A dez dias do início da Copa, Estados e prefeituras corrempara entregar obras, do jeito que der

7. Depoimento do ex-diretor da Petrobras divide CPI[:] Governistas, que controlam a investigação, querem que ele deponha logo

O caráter negativo das matérias por muitas vez é enfatizado pelo constante uso de conectivos e orações coordenadas adversativas, como na matéria sobre os estádios de futebol⁸, “Estádio tem menos falhas, **mas** acesso e saída são ruins”, título da matéria e segue em meio ao texto da material: “O Itaquerão melhorou. Ficou mais iluminado e bonito para os torcedores. **Mas** serão necessárias várias obras para, dentro de somente dez dias, ele estar pronto para receber a abertura da Copa”. O uso desse recurso da linguagem é recorrente nos textos jornalísticos dos dias atuais e exprime contraste, oposição, ressalva nos relatos sobre fatos cotidianos.

Outro exemplo desse pode ser encontrado na matéria sobre as obras da Copa 2014 no Brasil: “Nos acréscimos”, diz a título da matéria e “Estados e prefeituras correm para concluir obras, mas algumas só ficarão prontas depois do Mundial”, mostra o subtítulo. Mais um caso em que se usa o mesmo recurso linguístico.

No *Uol*, a edição disponibilizada às 16h do mesmo dia, tem como principal destaque o que seria uma notícia positiva: o resultado da balança comercial do país. No entanto, o título diz que o resultado “surpreende”, numa clara alusão às projeções pessimistas: “Balança comercial em maio tem saldo positivo de R\$ 712 mi e surpreende”. E como subtítulo: “Mercado reduz projeção do PIB para 1,5%” e “Indústria tem pior nível em 10 meses”.

As demais notícias com destaque, entre as que vão se alternando na home e as que são fixas, tratam de temas como esportes e internacionais:

1. Tempestade de areia deixa 4 mortos e 30 feridos em Teerã
2. Cidade fantasma surge no Peru após combate a garimpo
3. Luiz Moura será investigado durante o prazo: PT suspende deputado por 60 dias por suposto envolvimento com PCC
4. Jogo Brasil X Croácia: Abertura da Copa terá 14 mil VIPs com transporte privado no Itaquerão
5. Mídia: Uol é o site de notícias mais acessado pelos deputados federais.

⁸ Folha de S. Paulo. *Estádio tem menos falhas, mas acesso e saída são ruins*. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/169018-estadio-tem-menos-falhas-mas-acesso-e-saida-sao-ruins.shtml>. Acesso em 02 junho de 2014

Há ainda chamada para um artigo de opinião: “Chomsky: Snowden é o criminoso mais procurado” do mundo.

Observa-se que o tom é de denúncia, crítica, a exemplo do que ocorre não só na notícia dos resultados da balança comercial como do teste do Estádio do Itaquerao, que seria sede da abertura da Copa do Mundo e onde o Brasil faria sua primeira partida, nove dias depois. A notícia sobre a cidade fantasma do Peru, por exemplo, faz uma comparação com Serra Pelada, no Pará, que também foi alvo da corrida do ouro na década de 1990, “e chegou a ser chamada de “formigueiro humano”, abrigando cerca de 80 mil garimpeiros.”⁹

Do acontecimento à notícia

Retomando TRAQUINA (1999), considera-se nessa análise que “os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes activos no processo de construção da realidade” decorrente do processo de produção da notícia. (TRAQUINA, 1999: 168) Também adota-se a certeza de que as “notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos no mundo real; (...) as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos”. (TRAQUINA, 1999: 168)

Antes de prosseguir nessa discussão, vale observar que a lógica que prevalece na imprensa, desde o século XIX, é a de noticiar os fatos considerados “sagrados”. (ELLIOTT, *apud* TRAQUINA, 2005: 52) E os fatos selecionados e transformados em notícia contemplam uma temática variada, diante da necessidade de atender a um público mais diversificado, alcançando “os tribunais, a polícia, os acontecimentos da rua, os acontecimentos locais”, além dos assuntos políticos e internacionais. (TRAQUINA, 2005: 56)

São os chamados critérios de noticiabilidade que permitiriam aos jornalistas escolher, entre inúmeros fatos, aqueles que devem ser noticiados. Os acontecimentos são selecionados mediante uma escala de valores, que podem ou não transformá-lo em notícia. E entre esses valores está o raro, o inédito.

John Soloski (1999) também pode nos ajudar a compreender alguns constrangimentos porque passariam os jornalistas dentro das redações e que parecem ter se

⁹ Site Uol. *Combate à mineração ilegal de ouro cria “Serra Pelada”*. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/06/02/combate-a-mineracao-ilegal-de-ouro-cria-cidade-fantasma-na-amazonia-peruana.htm>. Acesso em 02 de junho de 2014.

estendido para as ruas. Segundo ele, a visão romântica do jornalismo, que apresenta o repórter em uma cruzada contra o mal e consegue mandar para a prisão “um dos mais infames políticos”, não impede a ocorrência de alguns embaraços na realização desse trabalho. O ensaio que realiza pela primeira vez em 1989 procura mostrar os efeitos do profissionalismo jornalístico na produção da notícia, especificamente no recolhimento das informações e na elaboração do relato, a dimensão discursiva da prática profissional.

(...) o profissionalismo é um método eficiente e econômico através do qual as organizações jornalísticas controlam o comportamento dos repórteres e editores. Mas as organizações jornalísticas (ou nesse caso qualquer empresa comercial) não podem confiar em normas profissionais para controlar o comportamento dos seus profissionais; a fim de limitar mais o comportamento discricionário dos jornalistas, as organizações jornalísticas têm desenvolvido regras – políticas editoriais. As organizações jornalísticas confiam na interação do profissionalismo e das políticas editoriais para controlar o comportamento dos jornalistas. (1999: 92)

Há, como observa Nelson Traquina (2005), uma série de teorias que procuram explicar e compreender as práticas inerentes à profissão e também “porque as notícias são como são” (2005:146) e que podem nos ajudar a compreender o fato de a imprensa dar ênfase aos aspectos negativos daquilo que noticia. Entre elas, a teoria do espelho, a mais antiga e que, segundo Traquina, considera “que as notícias são como são a realidade assim as determina” (2005:146, 147). É uma teoria que se constrói na lógica da ideologia dos profissionais, especialmente nos países ocidentais. Considera-se, nessa teoria, que “o jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviariam de sua missão de *informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer*” (2005: 147, grifos do autor).

A teoria da ação pessoal ou a teoria do *gatekeeper* é outra a ser considerada. Foi aplicada por David Manning White ao jornalismo, depois de ser introduzida pelo psicólogo Kurt Lewin, tornando-se uma das mais efetivas nas análises que se faziam sobre o processo de produção das notícias nos anos 1950. *Gatekeeper* seria o profissional que toma uma decisão numa sequência de decisões para escolha das notícias:

Assim, uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para um outro na cadeia de comunicações. Do repórter para o responsável do *rewriting*, do chefe de seção para os redactores responsáveis pelos “assuntos de Estado” de várias associações de imprensa, o processo de escolha e de rejeição não pára. E, finalmente, chegamos ao nosso último *gatekeeper*, aquele que é objeto do nosso estudo. É o homem que habitualmente conhecido como o redactor telegráfico

do jornal não metropolitano. Ele tem a seu cargo a seleção das notícias nacionais e internacionais que aparecerão na primeira página e seu posterior desenvolvimento nas páginas anteriores, bem como a sua composição. (1999:143)

Traquina (2005) lembra que de acordo com essa teoria, o processo de produção da notícia é decorrente de uma série de escolhas, tendo que passar por uma portões (*gates*) que representariam as decisões dos jornalistas (os *gatekeepers*) do que será ou não publicado. Lembra Traquina que White chega à conclusão de que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, dependentes de juízos de valor “baseados no “conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*””. (2005:150) Schudson (apud Traquina: 2005) chama isso de ação pessoal: “(...) as notícias são explicadas como um produto das pessoas e das suas intenções”. (Traquina, 2005: 150)

As contribuições de Warren Breed (apud TRAQUINA, 2005), com a teoria organizacional, também devem ser levadas em conta, ao chamar a atenção para que o autor chama de “constrangimentos organizacionais” a que os jornalistas estão submetidos, fazendo-o se conformar com as normas editoriais, que têm maior peso do que suas crenças pessoais. De acordo com Breed, os jornalistas dividem-se em duas categorias profissionais: os “executivos”, que seriam o *publisher* e os editores; e os *staffers*, que seriam os repórteres, os responsáveis pelo *rewriting* e os revisores.

O primeiro mecanismo que promove o conformismo é a socialização do redator no que diz respeito às normas do seu trabalho. Quando o jornalista inexperiente começa o seu trabalho, não é dita qual é a política editorial. Nem nunca será. Isto pode parecer estranho, mas as entrevistas, uma após a outra, vieram-no confirmar. (BREED *apud* TRAQUINA, 2005: 152)

De acordo com Breed, os jornalistas afirmam que aprenderam a linha editorial “por osmose. (...) isto significa que se socializam e aprendem as regras como um neófito numa subcultura” (BREED *apud* TRAQUINA, 2005: 153), num processo de socialização organizacional que ressalta a importância justamente dessa cultura organizacional e não profissional.

O autor aponta seis fatores que promovem o conformismo: a autoridade institucional e as sanções; os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores; as aspirações de mobilidade; a ausência de grupos de lealdade em conflitos; o prazer na atividade; e as notícias como valor. (BREED *apud* TRAQUINA, 2005: 154 e 155)

Vale considerar também a teoria estruturalista, que associa “o papel dos media na reprodução da ideologia dominante”. (HERMAN e CHOMSKY *apud* TRAQUINA, 2005: 175) Stuart Hall et. al. (*apud* TRAQUINA, 2005:175, 176) consideram as notícias como um produto social, resultado de diversos fatores:

A) a organização burocrática dos media; B) a estrutura dos valores-notícia (a ideia do ‘fora do normal’, do negativo, das pessoas de elite que constituem o “elemento fundamental da socialização” e a prática e a ideologia profissional dos jornalistas; C) o próprio momento de “construção” da notícia que envolve um processo de “identificação e contextualização” em que “mapas” culturais do mundo social são utilizados na organização. (Traquina, 2005: 175, 176)

A perspectiva culturalista é a valorizada na teoria estruturalista, como observa Traquina. Ele lembra ainda que para os autores que defendem esta teoria, “o processo de produção das notícias não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual”. (TRAQUINA, 2005: 177)

Ao discutir o jornalismo na atualidade, Leonel Aguiar e Adriana Barsotti (2013), destacam que a atividade pode ser definida como “expressão do pensamento moderno”, sendo na contemporaneidade afetado pela crise que se instala desde a modernidade, com o esvaziamento do espaço público, o individualismo, o surgimento de comunidades e a intensificação do presente.

Ao abordar os valores em voga na contemporaneidade, procuramos relacionar de que maneira eles se manifestam no jornalismo e investigar o contexto cultural de sua emergência. Como invenção da modernidade, o jornalismo não poderia ficar imune às mudanças dos tempos e dos “espíritos”. Apontamos como a profissão sempre se desenvolveu entre dois pólos: a ideologia segundo a qual seria um serviço público e o fato de ser um negócio lucrativo. (AGUIAR E BARSOTTI, 2013)¹⁰

Os mesmos autores também consideram que o jornalista desenvolve um novo papel na contemporaneidade, especialmente na internet, onde passa a atuar como mediador da audiência. Para chegar a essa conclusão, eles analisaram a pertinência do termo *gatekeeper* desenvolvido por White, *gatewatcher*, formulado por Bruns, e de mediador, utilizado por

¹⁰ AGUIAR, Leonel e BARSOTTI, Adriana. *Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo on-line*. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=53742> Acesso em: 10 de junho de 2014.

autores como Canavilhas, Palácios e Serra. Gatewatcher é um neologismo que designa o jornalista da web como uma espécie de vigia, já que sua principal função seria de buscar conteúdos relevantes tão logo são disponibilizados para oferecer aos usuários. Já o de mediador, colocaria o jornalista entre a realidade e os receptores.

A possibilidade de comentar, dar notas e ranquear as notícias abre fóruns de discussão entre os jornalistas e seu público, que podem retroalimentar o processo de edição. Por último, sugerimos que os jornalistas adicionaram, a todos os papéis anteriores, o de mobilizador da audiência. Com ferramentas tais como enquetes e editoriais dedicadas exclusivamente à participação do leitor, o conceito de notícia é alargado. Caberia aos jornalistas mobilizar seu público em torno de diversas causas. Dependendo dos temas em torno dos quais pretenda engajar sua audiência, podem se aproximar do papel de “animador de auditório” ou promover o alargamento dos canais de participação social na esfera pública. (AGUIAR E BARSOTTI, 2012)¹¹

Vale ainda lembrar do estudo desenvolvido por Galtung e Ruge em 1965 sobre a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros, (retomado no livro organizado por TRAQUINA, “Jornalismo: Questões, teorias e histórias” (1999), os autores investigam que fatores influenciam o fluxo de notícias do estrangeiro, ou melhor, “como é que os acontecimentos se transformam em notícias” (p. 63). O estudo baseia-se na tipologia dos valores-notícias e nele, os autores defende que as notícias negativas são recorrentes no jornalismo, especialmente, por satisfazerem melhor o critério de *frequência*, para os autores, o que é negativo é fácil de acontecer e leva menos tempo, ou seja, “um acontecimento negativo pode mais facilmente desenrolar-se por completo entre duas edições de um jornal e duas transmissões radiofônicas” (p. 69). Para os autores, esse tipo de caráter também é dado à notícias com frequência por serem mais consensuais, inequívocas e consonantes e por fim, defendem que as notícias negativas são mais inesperadas do que as positivas. Observando esta pesquisa para pensar os jornais analisados, seus contextos sociais, geográficos e políticos, encontramos no contraste de realidades, perspectivas que apontam para diferentes causas para a realidade estudada.

Considerações finais

Diante do que foi exposto, é possível observar que a prática dos jornalistas de focar nos aspectos negativos se alicerça no papel que o jornalismo ocupa na sociedade desde o seu surgimento: o de fiscal da sociedade, de defensor dos interesses dos menos

¹¹ AGUIAR, Leonel e BARSOTTI, Adriana. Op cit

privilegiados. Tem apoio ainda nos critérios de noticiabilidade, pelo fato de o negativo ser contrário ao que se espera do funcionamento da sociedade.

No entanto, convém analisar se a ênfase excessiva aos aspectos contrários, negativos, não teria se tornando lugar-comum no jornalismo, deixando de ser o raro, o inédito, para se tornar o banal, o corriqueiro, contrariando a lógica da produção da notícia e o lugar do jornalismo que procura evidenciar o que foge do comum.

Não será a hora de rever tais critérios e especialmente levar em conta que o bizarro, na agenda jornalística, se tornou o comum, o rotineiro, devendo portanto ser substituído por abordagens diferenciadas, que pelo menos procurem compreender o que se passa e não simplesmente mostrar o aspecto negativo dos fatos? As análises que partem de pontos específicos do jornalismo diagnosticam esse quadro da crise contemporânea da área, ao modo foucaultiano, parte-se de uma observação das micros formas de poder e saber que envolve a prática jornalísticas, observando esses aspectos negativos que permeiam as notícias, na tentativa de comandar o discurso (dessa forma, pensamos o discurso como objeto de desejo, o que se luta por).

O jornalismo e os jornalistas não deveriam rever os seus papéis na sociedade?

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. **Maio de 68: Novas subjetividades, micropolíticas e relações de poder**. Disponível em <http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n02/pdf/Leonel.pdf>. Acesso em setembro de 2013

_____. **O eu, o aqui e o agora: hipóteses sobre valores do jornalismo contemporâneo**. Intercom 2013. Disponível em

_____. e NEDER, Vinicius. **Objetividade jornalística: a prática profissional como questão política**. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/.../2313>. Acesso em setembro de 2013

_____. e BARSOTTI. **Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo on-line**. Disponível em http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/artigo1_25.pdf. Acesso em 30 de setembro de 2013

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

BREED, Warren. **Controle social na redação. Uma análise funcional (*)**. In **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Portugal: Veja Editora, 1999. Org. de Nelson Traquina

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2011

FACCIN, Milton; NOGUEIRA, Maria Alice de Faria; e VAZ, Élide (org). **Narrativas da cidade – Perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea**. Rio de Janeiro: e-papers, 2013

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17ª Ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução por Salma Tannus Muchail. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Verdade e poder**. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 01-14.

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus Editorial, 2004

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999

SOLOSKI, John. **O Jornalismo e o Profissionalismo: Alguns Constrangimentos no Trabalho Jornalístico**. In **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Portugal: Veja Editora, 1999. Org. de Nelson Traquina

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2001

_____. **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Portugal: Editora Vega, 1993

_____. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2 ed, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. Summus Editorial, 1992

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

WHITE, David Manning. O Gatekeeper: Uma Análise de Caso a Seleção de Notícias. In **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Portugal: Veja Editora, 1999. Org. de Nelson Traquina